

O que resta da pandemia: tecnologia e ecologia no século XXI

What remains of the Pandemic: Technology and Ecology in the 21st century

Resumo

Embora impactante no momento em que acontecia, a pandemia de Covid-19, tão logo arrefeceu como uma crise sanitária, foi esquecida. Os anos de 2020 e 2021, com mortes, doenças, angústias e isolamento social, ficaram para trás. Será, entretanto, que o mundo deixado após a pandemia nada tem a pensar a partir dela? Se confiarmos no que defendia o filósofo francês Alain Badiou, não. Ele considerou a pandemia um problema prático, que pouco exigia da filosofia. O argumento do artigo que se segue é que, embora Badiou tivesse razão em apontar o exagero de projeções para o bem e para o mal de filósofos sobre o futuro após a pandemia, sua posição menosprezou o fato de que não se tratava somente de uma situação sanitária empírica, mas de um momento histórico no qual se cristalizaram as duas preocupações principais do século XXI: com a tecnologia (como apontou João Pedro Cachopo), expressa na inteligência artificial; e com a natureza (como apontou Bruno Latour), expressa no antropoceno.

Palavras-chave: Pandemia; Tecnologia; Natureza

* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Contato: p.d.andrade@gmail.com

Recebido em: 09/04/2024 Aceito em: 16/04/2024

Abstract

Although impactful at the time it occurred, the Covid-19 pandemic, as soon as it subsided as a health crisis, was forgotten. The years of 2020 and 2021, with deaths, illnesses, anxieties, and social isolation, were left behind. However, is it true that the world left after the pandemic has nothing to ponder from it? If we trust what the French philosopher Alain Badiou argued, no. He considered the pandemic a practical problem, requiring little from philosophy. The argument of the following article is that, although Badiou was right to point out the exaggeration of philosophers' projections for good and for bad about the future after the pandemic, his position underestimated that it was not only an empirical health situation, but a historical moment in which the two main concerns of the 21st century crystallized: technology (as pointed out by João Pedro Cachopo), expressed in artificial intelligence; and nature (as pointed out by Bruno Latour), expressed in the Anthropocene.

Keywords: Pandemic; Technology, Nature

O que resta da pandemia: tecnologia e ecologia no século XXI

Entre o barulho e o silêncio, um tempo de estranho esquecimento. O estardalhaço perante um acontecimento justificava-se e, entretanto, tão subitamente quanto começara também acabou. Durou somente o tempo do próprio acontecimento, como se, depois, fosse preciso apagar a assustadora hipótese de que, sem previsão ou aviso, o mundo pudesse se fechar. Tentou-se eliminar, sem que sequer fosse preciso esforço para tal, a memória de como um vírus desconhecido, batizado precisamente por isso de “novo”, causou em poucas semanas uma pandemia sem precedentes em sua escalada veloz e em sua escala planetária – que durou cerca de dois anos enquanto fato existencial. Quando a pandemia de Covid-19 apareceu, o seu efeito foi tão avassalador que, obviamente, somente poderia gerar muito barulho: não havia outro assunto possível. Mortes contadas cotidianamente aos milhares, adoecimentos por sua vez literalmente incontáveis, exigência de isolamento social das pessoas em casa e a ausência de qualquer previsão sobre o fim de toda essa situação tonaram este o assunto sobre o qual o alarde justificava-se – nas comunicações pessoais, na mídia, entre intelectuais, cientistas ou políticos. Se

as ruas estavam sem vozes e as cidades, mudas, pois as pessoas estavam quase todas dentro de suas residências, já a internet, as televisões, os telefones, os e-mails, as mensagens, o WhatsApp, o Zoom, o Google Meet e afins jamais foram tão barulhentos. Falou-se e se escreveu sem parar sobre a pandemia, seja para analisá-la cientificamente, seja para pensá-la filosoficamente, seja para apenas desabafar sobre ela, para protestar, espalhar mentira ou pânico. Teve de tudo. Entre 2020 e 2021, pandemia era o único tema possível, e se fez muito ruído em torno dela. Em pouco tempo, entretanto, o barulho diminuiu e cessou por completo. Ficou o silêncio, como se o Novo Coronavírus tivesse aparecido não dois anos atrás, mas dois séculos atrás. Parece que a pandemia de Covid-19 já é parte da história.

Jornais fizeram matérias mencionando o “esquecimento” ou mesmo a “amnésia” vivida após a pandemia sobre os tempos passados com ela. E, aparentemente, há boas razões para isso, especialmente duas que, combinadas, têm enorme força: uma é especificamente relacionada à Covid, já que, graças às vacinas, a crise sanitária foi controlada e o Coronavírus é hoje apenas mais um entre vários vírus respiratórios que podem debilitar a saúde dos seres humanos; outra, genericamente aplicável a qualquer caso de um problema solucionado, é o despropósito de se lembrar de um sofrimento cuja causa já não é mais presente. Em suma, por que lembrar a pandemia de Covid-19, se ela está resolvida? O melhor seria retomar a vida e voltar ao mundo dos quais tanto se sentiu falta? Nenhuma expressão foi mais feliz em traduzir essa vontade do que “o novo normal”, uma mistura de incontornável reconhecimento de que algo mudou, pois é novo, com anseio por retornar ao que antes era bastante conhecido e familiar, pois é normal. Isso dito, entretanto, será que ainda há algo a pensar, se não sobre a pandemia, ao menos a partir da pandemia, tendo em vista a nossa experiência histórica?

De certo modo, essa falta de importância retrospectiva da pandemia de Covid-19 foi prenunciada, na filosofia, pelas observações do pensador contemporâneo Alain Badiou. Em 2020, ainda no começo da pandemia, ele fez questão de sublinhar que, a despeito da seriedade da crise sanitária por ela desencadeada, nada havia de desafiador a se pensar sobre a pandemia. Badiou não colocou em dúvida a gravidade da doença e das mortes, que exigiam respostas drásticas por parte da sociedade em geral e dos governos. No entanto, era apenas isso. Ou seja, a consequência dramática da Covid 19 não repercutiria em interpretações filosóficas sobre o seu sentido, ou sobre as alterações ou não dos destinos do mundo provocadas por ela. Para justificar essa posição, Badiou apontava que não haveria nada de excepcional ou novo

na pandemia, uma vez que diversas epidemias serviriam, a este propósito, como precedentes históricos recentes, desde a AIDS, ainda nos anos 1980, até, mais recentemente, o Ebola ou o próprio o vírus SARS-1. Este último caso, aliás, deveria revelar o caráter repetitivo das epidemias no mundo globalizado e sem disciplina na tomada de vacinas, pois o que foi, em geral, chamado Novo Coronavírus era, na verdade, o SARS-2, sinalizando que se tratou de uma “segunda vez”, de uma continuidade, e não de uma novidade ou um acontecimento decisivo.

Haveria, enfim, uma simplicidade no fenômeno da pandemia que tornaria inócuas e exageradas as interpretações filosóficas que proliferaram desde 2020, desde seu começo: a ameaça autoritária anunciada por Giorgio Agamben, o individualismo que preocupava Byung-Chul Han, os mecanismos de poder temidos por Paul Preciado, a necropolítica denunciada por Achille Mbembe, a expectativa de recomeçar tudo do zero de Franco “Bifo” Berardi e a aposta na morte do capitalismo por Slavoj Žižek, entre outras. Nas condições contemporâneas de globalização e sem a disciplina na tomada de vacinas periódicas em todos os países, segundo Badiou, epidemias graves não são excepcionais e nada revelam de tão trepidante, para o mal ou para bem, sobre nosso mundo.

Essas declarações peremptórias, apelos patéticos e acusações enfáticas assumem formas diferentes, mas todos compartilham um curioso desprezo pela formidável simplicidade e ausência de novidade da atual situação epidêmica. Alguns são desnecessariamente servis diante dos poderes existentes, que na verdade estão simplesmente fazendo o que são obrigados pela natureza do fenômeno. Outros invocam o planeta e sua mística, o que não ajuda em nada. (...) Outros fazem tom e choram por um evento fundador de uma revolução sem precedentes, cuja relação com o extermínio de um vírus permanece opaca (...). Alguns afundam no pessimismo apocalíptico. Outros estão frustrados porque o “eu primeiro”, a regra de ouro da ideologia contemporânea, neste caso, é desprovida de interesse, não fornece socorro e pode até parecer cúmplice de um prolongamento indefinido do mal. Parece que o desafio da epidemia está em toda parte dissipando a atividade intrínseca da Razão, obrigando os sujeitos a voltar a esses tristes efeitos – misticismo, fabulação, oração, profecia e maldição – que eram comuns na Idade Média quando a praga varria a terra.¹

1 Alain Badiou, “Sobre a situação epidêmica”, p. 2-3.

Por um lado, o alerta de Badiou, ainda mais já passada a pandemia, mostrou-se ponderado: a ânsia de muitos filósofos por prognósticos terríveis e prósperos parece não se ter cumprido. O mundo não ficou muito pior do que era e nem se revolucionou para algo bem melhor. Isso dito, porém, valeria perguntar se uma análise da pandemia e de seu significado precisa se situar, de modo tão dualista, ou na razão, por um lado, ou no misticismo, na fábulação, na oração, na profecia, na maldição, por outro lado. Mesmo que Badiou esteja certo sobre o barulho alto demais de alguns filósofos sobre a pandemia, o fenômeno não tem somente uma dimensão técnica e sanitária. Ele tem uma dimensão histórica e significativa, que não é, entretanto, irracional. Nela, não se experimentou algo meramente repetitivo ou esperado. Nesse sentido, a pandemia de Covid-19 poderia ainda exigir uma compreensão que venha a nos reconciliar com o passado e uma análise que entenda o que ela aponta sobre nosso futuro – para além das euforias ou das disforias a seu respeito que tanto apareceram, entre 2020 e 2021. Nesse sentido, o pós-pandemia é menos um termo para designar um período cronológico que empiricamente sucede a pandemia do que uma questão que se impõe para o pensamento: o que a pandemia, fenômeno a um só tempo natural e social, teria ainda a nos dizer depois que a crise sanitária acabou?

No momento em que ela ocorreu, e isso quer dizer que não precisaria ser assim caso a pandemia tivesse acontecido antes ou depois, a Covid-19 delineou as duas preocupações que mais decisivamente configuram o século XXI: uma vinculada à tecnologia e outra, à natureza. Em nenhum dos casos, a pandemia inventou algo, mas em ambos ela elevou ao estatuto do incontornável o que, antes, tentava-se evitar ou adiar. Não é coincidência que, no pós-pandemia, logo essas duas questões impuseram-se na chamada agenda de nossa época: a inteligência artificial e o colapso climático. Se a pandemia de Covid-19 não foi responsável por uma e nem por outra coisa, evidentemente ela lançou quase todas as pessoas a um contato mais íntimo e frequente com a tecnologia, como nas comunicações via plataformas digitais, e foi entendida como um sinal de que o avanço humano sobre o planeta e suas formas de vida não-humanas tornara-se perigoso, como se a natureza não mais o acolhesse amavelmente. Nesse sentido, a pandemia é um desses momentos da história em que se cristalizam elementos que dão a uma época o seu rosto, e esse rosto, até então, aparecia ainda só difuso, sem nitidez. Depois da pandemia, fica mais clara então a cara que o século XXI tem. Foram necessárias mais de duas décadas adentro do novo milênio para que seu primeiro século finalmente ganhasse contornos visíveis. Vivemos uma era definitivamente globalizada,

na qual portanto nenhum lugar na prática está distante do outro, graças às tecnologias de transporte e de comunicação – daí a chance de epidemias se tornarem pandemias tenha ficado maior. Não há mais segurança possível por isolamento, se é que um dia houve. E o que ameaça os povos não são só os outros povos, e sim cada vez mais a natureza não-humana – como um vírus.

Na filosofia, quem contornou bem melhor o alerta de Badiou, para então apontar a consequência da pandemia para a tecnologia, foi João Pedro Cachopo. O autor português reconheceu logo, em *A torção dos sentidos: pandemia e remediação digital*, que a pandemia não é o acontecimento, ou ao menos ela não é o acontecimento em si, contudo, não para subtrair seu efeito histórico, e sim para alertar que “o acontecimento, precipitado pela conjugação de isolamento preventivo e uso exacerbado de tecnologias de remediação, é a torção dos sentidos por meio dos quais nos reconhecemos próximos e distantes de tudo o que nos rodeia”². Nesse contexto, o que a pandemia fez foi dar a quase todos nós uma naturalidade no uso de tecnologias – especialmente as de comunicação, uma vez que os contatos pessoais diretos, em carne e osso, eram evitados preventivamente, com o objetivo de diminuir a chance de contágio pelo Coronavírus. Para ficar no exemplo mais evidente, o patamar em que nossas relações afetivas ou de trabalho aceitaram acontecer sem a presença física dos participantes mudou completamente após a pandemia. Já existia, evidentemente, tanto ensino a distância quanto amor a distância, bem como *home-office*. Nada disso, contudo, era tão trivial ou frequente. Depois da pandemia, quase qualquer reunião marcada vem acompanhada da pergunta: presencial ou online? No mundo pós-pandemia, a tecnologia passou a ser fiel seguradora de uma proximidade universal hipotética, pela qual, onde quer que você esteja no planeta, nunca estará tão distante a ponto de não poder estar junto, seja de uma reunião com seu chefe, seja para dar um boa noite a quem se ama – o que é, para muita gente, sabendo ou não disso, uma sensação simultaneamente aterradora e maravilhosa.

É assim que a pandemia se tornou – senão o acontecimento em si, novo e transformador – um acontecimento revelador da situação contemporânea do século XXI, ou melhor, da nossa maneira de viver e de conviver com a proximidade e com a distância. João Pedro Cachopo, para não deixar a tese que defende apenas abstrata, aponta cinco sentidos que seriam agora torcidos em relação a tudo o que antes imaginávamos que eles eram – evitando, porém, ao considerá-los, tanto uma postura catastrofista (que enxerga nas tecnologias

2 João Pedro Cachopo, *A torção dos sentidos*, p. 10.

digitais somente um empobrecimento da experiência ou o domínio sobre a vida) quanto uma postura ingênua (que endossa as novas mídias acriticamente, como se fossem uma panaceia redentora). Seria o caso – mais filosoficamente – de compreender as mudanças em curso, e não tanto julgá-las, pois o mundo por vir será atravessado por elas.

A torsão de que aqui se fala é, pois, a daqueles sentidos – como o amor, o estudo, a arte, a comunidade e a viagem, entre outros tantos de que não cheguei a falar – cuja experiência assenta no reconhecimento de uma distância e de uma proximidade que significam para nós e não em si. Com efeito, o que são aqueles sentidos senão formas significativas de aproximação e distanciamento – da alteridade (amor), do desconhecido (estudo), do enigmático (arte), do comum (comunidade), do remoto (viagem)? (...) Importa encarar a “torsão dos sentidos” sem fatalismo.³

Não foi a pandemia que inventou a comunicação digital, mas ela marca o momento no qual a sociedade, que já caminhava nessa direção, acolhe, com irritação ou entusiasmo, que esta será a realidade irretratável daqui em diante. O alarde pouco depois de passada a pandemia diante das diversas formas de inteligência artificial, dentre as quais a mais conhecida foi o Chat GPT, não se deveu nesse sentido apenas ao avanço tecnológico em si que está aí implicado. O alarde se deveu à conjugação de tal avanço com este momento no qual, por toda a parte, a tecnologia mostra-se ameaçadora ou salvadora. Não é uma história nova, está claro, já que a humanidade, em especial no Ocidente, tendeu a se relacionar com a tecnologia entre o medo e a esperança faz tempo. Entretanto, agora essa oscilação é afetada pela suspeita de que a tecnologia pode não ser meramente um instrumento a serviço da humanidade: se a sua ameaça é eliminar ou substituir a humanidade, a sua salvação é construir ou aprimorar a humanidade – duas coisas que, curiosamente, parecem às vezes intercambiáveis. De qualquer modo, a tecnologia deixou de ser apenas um conjunto de apetrechos úteis que servem a uma finalidade estipulada e dominada pela humanidade, como previra, desde os anos 1940, Martin Heidegger, afirmando que “a técnica não é, portanto, um simples meio”⁴. Por isso, nossa relação com a tecnologia é pautada, a partir de agora, pela sensação de que, embora ela seja voltada para a mensuração e o controle da realidade,

3 João Pedro Cachopo, *A torção dos sentidos*, p. 12.

4 Martin Heidegger, “A questão da técnica”, p. 12.

essa mensuração e este controle não têm um titular humano a comandar o processo. Pode bem ser que a tecnologia ganhe uma autonomia em seus procedimentos, e este é o perigo cifrado na ideia de inteligência artificial para a maior parte de nós. Este não é, eu insisto, um mundo inventado pela pandemia, mas é o mundo que se definiu politicamente, ou seja, como o que diz respeito a todas e todos nós, a partir do modo como vivemos a pandemia entre 2020 e 2021.

Meu objetivo, aqui, é chamar a atenção para como podemos, sem recair no barulho excessivo que tantos filósofos fizeram sobre a pandemia de Covid-19, projetando efeitos épicos para o mal ou para o bem no seu futuro, ainda assim tampouco desprezarmos, como faz Badiou, o que ela exige e dá a pensar como um acontecimento histórico. Daí que, a meu ver, sejam insuficientes tanto os pareceres sobre o ineditismo quanto aqueles sobre a repetitividade da pandemia no tempo. São dois lados de uma mesma moeda, que isolam a pandemia, como acontecimento, do momento específico em que ela ocorreu. Como quase tudo, a pandemia de Covid-19 foi o que foi porque aconteceu quando aconteceu. Um acontecimento é o que é porque é quando é. No caso da pandemia, portanto, o instante no qual ela aparece no mundo fez dela, de uma só vez, um potencializador, um consolidador e um explicitador dos dois aspectos que, agora vemos com clareza, ocupam a nossa época, como aqui já apontado: de um lado, a tecnologia, e, de outro lado, a natureza. Mesmo que ainda não se tenha certeza, até hoje, sobre a origem da pandemia de Covid-19, a interpretação fixada sobre ela é a de que foi resultado, de um modo ou de outro, da reação da natureza aos avanços humanos sobre ela.

Sabe-se que a origem da pandemia de Covid-19 foi na China. Há, entretanto, ainda pelo menos três hipóteses sobre como o Novo Coronavírus chegou aos seres humanos: a primeira é de transmissão por um animal não-humano, provavelmente no Mercado de Frutos do Mar de Huaan, na província de Wuhan, um lugar bagunçado com peixes, carnes e vida selvagem à venda como alimentos; a segunda é da criação intencional em laboratório para a infecção de humanos, funcionando como arma biológica, talvez patrocinada pelo Exército de Libertação Popular da China; e a terceira é de acidente não-intencional, supostamente no Instituto de Virologia de Wuhan, ou seja, mais uma vez em um laboratório, no qual uma manipulação genética errada teria ocorrido e infectado um humano. O aparato de Estado da China, com seu controle forte, pouco ajuda a encontrar a resposta exata entre as três hipóteses, ou obter transparência nas investigações. Em qualquer delas, porém, parece haver um componente pelo qual o ser humano, na lida

com algum elemento não-humano, seja ele um animal vindo de uma floresta devastada, seja ele diretamente um vírus, provoca na natureza um efeito cujas proporções não podem ser completamente antecipadas ou controladas. Não se sabe com certeza, portanto, qual é a origem empírica precisa da pandemia, mas se pode concluir que, provavelmente, a origem causal é a forma como entretemos contato com a natureza, como se esta fosse um manancial à disposição dos desígnios humanos, mas que, agora percebemos, reage – não por vingança ou ira, mas porque há uma lógica interna pela qual as ações humanas provocam consequências naturais na Terra. Nessa medida, tornou-se impositivo vincular a pandemia de Covid-19 a uma dimensão ecológica.

Nesta direção, as observações do filósofo francês Bruno Latour foram certamente as principais sobre a pandemia. Mais uma vez, também no seu caso, não se tratava de fazer da pandemia um acontecimento capital graças ao qual a periculosidade das ações humanas sobre a natureza veio ao mundo. Badiou estava certo a esse respeito. Novamente, entretanto, o isolamento que Badiou faz da pandemia como apenas um fato sanitário mostra-se curto para o entendimento daquilo que, a partir dela, precisa ser pensado sobre o momento histórico contemporâneo. Latour, por sua vez, contextualiza a crise da pandemia em relação com a mutação ecológica do aquecimento global. Distinguindo entre um e outro significado, Latour define a crise como algo pontual, momentâneo e que pode ser resolvido, enquanto a mutação seria algo geral, duradouro e sem solução definitiva. Sendo assim, a pandemia é uma crise, da qual saímos, mas o colapso climático é uma mutação, que ainda enfrentaremos.

Efetivamente, a crise da saúde está inserida no que não é uma crise - sempre temporária -, mas, sim, uma mutação ecológica duradoura e irreversível. Se temos a oportunidade de “sair” da primeira, não temos sequer uma para “sair” da segunda. As duas situações não estão na mesma escala, mas é muito esclarecedor articular uma com a outra. De qualquer forma, seria uma pena não aproveitar a crise da saúde para descobrir outros meios de entrar na mutação ecológica de uma maneira diferente do que às cegas.⁵

Não há saída, portanto, da mutação ecológica, que se manifesta pelo colapso climático com o aquecimento global, mas há diferentes maneiras de entrar nela, de conviver com ela, de lidar com ela, de compor com ela. O que aconteceu com a Covid-19, em termos de escala, não tem precedentes na história

5 Bruno Latour, “Imaginar os gestos-barreiras contra o retorno da produção anterior à crise”, p. 1.

das pandemias até hoje e, ainda assim, é ínfimo, ainda em termos de escala, quando comparado com a situação ecológica de que ela foi um breve capítulo. Ou seja: a maior pandemia da história é, entretanto, pequena perto da situação ambiental contemporânea. Tal situação é chamada por Latour e ainda outros autores, embora não seja consensual, de antropoceno. Literalmente, antropoceno designa uma era, idade ou época, o “ceno”, na qual as atividades do ser humano, o “antropos”, passaram a ter sobre a Terra um impacto igual ou maior que qualquer outra força natural, transformando-se, de tal modo, em uma espécie de força geológica – em certo sentido, então, sobre-humana. Desde o processo moderno de industrialização no século XIX e de maneira ainda mais acelerada a partir de meados do século XX, com a economia de combustível fóssil e a criação extensiva de gado, por exemplo, a humanidade começou a interferir no meio ambiente em uma intensidade absolutamente sem precedentes, com a consequência de que, a partir de então, tornou-se cada vez mais uma força de alteração da Terra que nunca havia sido antes. Com isso, passamos a ver fenômenos naturais ameaçadores com enormes proporções cuja causa não mais seria estranha a nossas atividades, ao contrário, seriam efeitos do projeto civilizatório moderno de produção e consumo sobre a Terra. Não seria difícil interpretar a pandemia de Covid-19, nessa linha, como um fenômeno precisamente desse tipo.

Latour, admitindo o caráter polêmico do conceito de antropoceno, ainda assim o emprega para “nomear a época atual”, na medida justamente em que, “agora, não se trata mais de pequenas flutuações climáticas, mas de uma perturbação que mobiliza o próprio sistema terrestre”⁶. O que se desenha – a partir daí, e de que a crise da pandemia de Covid-19 pode ser um exemplo – é uma mutação pela qual a Terra, compreendida como um sistema, reage constantemente a cada ação humana, subtraindo aquela antiga paisagem supostamente estável com a qual contávamos sob o nome de “natureza”, como se fosse uma plataforma neutra e infinita em seus recursos. Essa plataforma servia de esteio, em tese, para realizar a modernização, que continua seus esforços especialmente através do capitalismo tardio no século XXI em formato globalizado. Segundo Latour, foi justamente o caráter globalizado do atual desenvolvimento, do qual em geral a sociedade está orgulhosa economicamente, que expôs o mesmo desenvolvimento à fragilidade. Ora, a pandemia de Covid-19 é, a esse respeito, um exemplo perfeito: não fosse o desenvolvimento globalizado da tecnologia de transportes e da locomoção veloz de

6 Bruno Latour, *Onde aterrar – Como se orientar politicamente no Antropoceno*, p. 55-6.

peças pelo mundo todo e a todo momento, ou seja, no espaço e no tempo, dificilmente o vírus teria se espalhado tão rapidamente. O fluxo de aviões na economia mundial foi uma das principais causas da pandemia, que, de outro modo, teria sido mais lenta ou não passaria de uma epidemia local.

O vínculo entre a mutação ecológica e o capitalismo tardio foi apontado não apenas por autores especialmente preocupados com a primeira, como Latour, mas também por autores mais preocupados com o segundo, como o crítico norte-americano Jonathan Crary. Ele identificou um regime de temporalidade – que chamou de “24/7”, ou seja, vinte e quatro horas e sete dias por semana – como a principal e perversa inovação do capitalismo em sua fase tardia, uma vez que, com isso, instaurar-se-ia um ritmo cíclico de repetição constante, desprovido até das antigas pausas e brechas do capitalismo tradicional – como descanso, férias, finais de semana ou, sobretudo, sono. Produzimos e consumimos – a não ser aqueles despossuídos miseráveis que vivem à margem do próprio sistema capitalista – a todo momento e sem parar. Para Crary, tal “imperativo 24/7 é inseparável da catástrofe ambiental, em sua exigência de gasto permanente e desperdício sem fim, e na interrupção fatal dos ciclos e estações dos quais depende a integridade ecológica do planeta”⁷. O que fica claro, portanto, é que, seja a pandemia, seja o antropoceno, estamos diante de fenômenos que são, a um só tempo, sociais e naturais, humanos e não humanos, históricos e planetários. No caso da mutação ecológica, a transformação ameaça nada menos do que a sobrevivência humana na Terra, bem como a de outros seres vivos. Sob tal prisma, a pandemia de Covid-19 não deixou de servir de aviso, como um susto, na medida em que, pelo menos por alguns meses, acreditou-se na possibilidade – embora nunca com certeza – de um extermínio em massa da humanidade pela contaminação. Um vírus natural parou o mundo civilizado.

Enfim, voltando a Bruno Latour, ele acreditou por isso, pouco antes de morrer, que a pandemia de Covid-19 poderia nos ensinar algo crucial sobre como lidar com o antropoceno, a partir da exigência de uma transformação no projeto civilizatório moderno de produtividade incessante que destrói a natureza de que dependemos. Precisaríamos, de algum modo, frear a locomotiva do progresso.

A primeira lição do coronavírus é também a mais impressionante: a prova está dada. De fato, é possível, em algumas semanas, suspender em

7 Jonathan Crary, *24/7: capitalismo tardio e fins do sono*, p. 19.

qualquer lugar e simultaneamente um sistema econômico que até agora nos disseram que era impossível desacelerar ou redirecionar. Contra todos os argumentos dos ecologistas sobre a necessidade de mudar nossos modos de vida, sempre se opuseram os argumentos da força irreversível do “trem do progresso” que nada podia fazer para sair de seus trilhos, “devido”, nos diziam, “à globalização”. No entanto, é precisamente sua condição de globalizado que torna tão frágil este famoso desenvolvimento, capaz não apenas de parar, mas de parar por completo. (...) Daí esta incrível descoberta: já havia no sistema econômico mundial, escondido de todos, um sinal de alarme em vermelho vivo, com um cabo grosso de aço temperado, que os chefes de Estado, cada um a seu turno, podiam disparar para deter “o trem do progresso” e ouvir ranger os freios. Se a demanda por mudar em 90 graus nosso rumo para aterrissar no solo parecia, ainda em janeiro [de 2020], uma doce ilusão, tornou-se mais realista.⁸

Referências

- BADIOU, Alain. “Sobre a situação epidêmica”. São Paulo: Blog da Editora Boitempo, 2020. (<https://blogdaboitempo.com.br/2020/04/08/badiou-sobre-a-situacao-epidematica/>)
- CACHOPO, João Pedro. *A torção dos sentidos: pandemia e remediação digital*. Lisboa: Documenta, 2020.
- CRARY, Jonathan. *24/7: capitalismo tardio e fins do sono*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- HEIDEGGER, Martin. “A questão da técnica”. In: *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LATOURE, Bruno. “Imaginar os gestos-barreiras contra o retorno da produção anterior à crise”. Rio Grande do Sul: Instituto Humanitas Unisinos, 2020. (<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/597852-imaginar-os-gestos-barreiras-contr-o-retorno-da-producao-anterior-a-cri-se-artigo-de-bruno-latour>)
- LATOURE, Bruno. *Onde aterrizar – Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

⁸ Bruno Latour, “Imaginar os gestos-barreiras contra o retorno da produção anterior à crise”, p. 2.